

Ó Juliana!

Juliana agora é compositora. Mas antes ela já era atriz. E antes de ser atriz ela era cantora. E ainda antes de ser cantora ela sempre foi instrumentista. Toca bem clarineta, flauta e clarone. Toca também violão. E toca bem. Antes de viver em São Paulo ela morava em Belo Horizonte. Isso foi antes dela entrar pro Teatro Oficina. Foi quando ela gravou o primeiro disco, Álbum Desconhecido. Obra essencial para entender a efervescência da cena musical mineira dos anos 10 do século 21. Agora ela lança esse Ó.

Antes de ser instrumentista da Tulipa Ruiz ela foi integrante da banda Graveola e o Lixo Polifônico. Mas antes disso ela tocava nos grupos Corta Jaca e Quatro na Roda. E sempre frequentou as rodas de choro. Juliana é múltipla, Juliana é única. Ícone da sua geração, ela canta a marchinha-síntese do renascido carnaval de rua de Belo Horizonte: "que bom, que bom, que bom, ser contemporâneo seu" e chuta a família mineira com tanta elegância e bom humor que o golpe chega a ser carinhoso.

Mas ela foi azucrinar a família tradicional paulista, alugou uma quitinete nas imediações da Consolação, sentou praça e fincou raízes. Arregimentou uma banda paulista, recuperou músicos mineiros perdidos na Paulicéia. Se enturmou na cena paulistana a ponto de ser identificada como um deles. Mas nunca deixou de ser mineira, belorizontina, do Santo Antônio. Juliana hoje é senhora dos palcos, que aprendeu a dominar com o comedimento dos chorões e os excessos de loucura zecelsiana.

Juliana é imprevisível, vai da tradição ao experimentalismo num gesto tão natural que chega a parecer óbvio. E encontrou cúmplices parceiros para sua empreitada musical: Gongom, Moita, Chicão e João Antunes. Fechou contrato com gravadora YB, por onde lançou o primeiro disco e agora grava e lança o segundo. Convidou Rômulo Fróes, um dos principais articuladores da cena paulista, compositor e pensador inquieto, um que transita com desenvoltura pelos círculos concêntricos da música e das artes plástica, para produzir o novo álbum. Com ele assinou a parceria de "Fantasma". Vai vendo!

Juliana ainda se desdobra em projetos paralelos e perpendiculares, faz performances onde opera pedais de efeito e transita entre o hapenning e a intervenção social. Tudo sempre com o humor sarcástico que lhe é peculiar. Juliana é ímpar, Juliana é parte. De uma turma que trabalha no limite da canção, entre o som e o sentido. De uma turma que aprendeu a lição, entre o já ouvido e o pop. Entre a vanguarda e a tradição. Entre os emboabas e a traição.

Mas vamos ao disco. Juliana fez com os Kurva um disco incisivo, radical, um monólito contra o telhado de vidro dos bons costumes, da família, do patriarcado. E não deixa de ser uma pedrada muito elegante, com categoria. As duas participações femininas no disco dão a dimensão das escolhas de Juliana, do seu entendimento e re-conhecimento de forças matrizes da cena: Ná Ozzetti e Tulipa Ruiz. Duas vozes símbolo de momentos diferentes mas

interligados de uma certa música brasileira identificada com uma certa localidade e com características muito específicas e peculiares.

Seguimos numa caminhada pelo centro de São Paulo. Mas é alguém com o ouvido atento, com o olhar estrangeiro. É o olhar de um forasteiro, que estranha a cidade, embora se reconheça nela.

Da parceria inusitada de Zé Celso com Rimbaud e Fela Kuti que abre e fecha o disco, Ó faz um arco que atravessa todo o século XX, das movimentações libertárias europeias ao underground tupiniquim. Do afrobeat ao punk rock. Da marchinha de protesto contemporânea ao proto-samba dos anos 20. Da poesia concreta à pós-vanguarda paulista. Tudo mediado por um sentimento impregnado de pertencimento e naturalidade.

Juliana fez um disco improvável. Mineira que ainda é não poderia ter feito um disco mais paulistano. Mas paulista que ainda resiste em ser, não poderia ter produzido um disco tão mineiro.

Essa habilidade em conciliar o inconciliável fica evidente quando ela canta o samba da carioca Ava Rocha em parceria com Fredy Allan. Experimento lisérgico milimetricamente calculado. Com “Na Frente da Bandeira” do maranhense Negro Leo o experimento vai ao limite das (im)possibilidades harmônicas. “Depois que o 9 virou 6”, a mais mineira e provavelmente a mais pop, a mais redonda, ainda assim não faz concessões. Aqui fica explícito uma triangulação improvável entre o Tropicalismo, o Clube da Esquina e a Lira Paulistana.

Mas talvez o maior incômodo para o ouvido incauto sejam as letras. Seguir por esse percurso em busca do fio da meada, buscando um sentido lógico-racional que justifique tudo pode gerar ansia, suor frio, taquicardia. Sem o chão. Fica descompassado quando Rômulo Fróes entra em cena, segue tenso com Nuno Ramos e Guilherme Held, chega ao fundo com Kiko Dinucci. Se adensa na parceria de Juliana e Mauricio Tagliari e toma ar para mergulhar novamente nas profundezas do sentido com Ana Martins Marques. Outro mineiro, Luiz Gabriel Lopes, um interiorano cosmopolita, é um ponto de equilíbrio no disco, com uma melodia solar iluminando a letra minimalista que decifra o enigma do disco. Há um traço da cidade no disco. Tá tudo aqui. Há ruídos e rumores. Esse disco não traz resposta, ele vem com dúvidas. Aliás, as dúvidas pontuam o trabalho de ponta a ponta. E são reveladoras. Você pode morrer de sede tanto no mar quanto num deserto. Juliana não dá trégua. Dê uma volta pelo disco. O risco é todo seu!

Makely Ka  
2016